Cocorôco[1]

Cocoroco

Pedro Mourthé Kosovski[2]

Resumo
Este texto é parte da prática de compostagem proposta pela Profa. Martha Ribeiro na disciplina "Reescrituras cênicas e a crítica da violência ética em contar-se a si mesmo". Metodologicamente, o texto dialoga com a *Speculative Fiction* (Ficção Especulativa) de Donna Haraway e transcorre como um fluxo de escrita acerca de uma possível comunicação com meu avô, morto em 2008, resgatando a personagem com qual brincava comigo na infância, Cocorôco. Nesse sentido, o diálogo com *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam*, de Vinciane Despret, no qual a autora propõe uma crítica à teoria psicanalítica do luto e especula acerca da posição do morto como sujeito: de que modo seria possível escutar o que o morto tem a falar?
Palavras-chaves: Dramaturgia; Ficção especulativa; Morte.

Abstract
This text is part of the composting practice proposed by Prof. Martha Ribeiro in the course Scenic Rewritings and the Critique of Ethical Violence in Giving an Account of Oneself. Methodologically, the text engages with Donna Haraway's concept of *Speculative Fiction* and unfolds as a flow of writing about a possible communication with my grandfather, who died in 2008, revisiting the character he used to perform with me in childhood, Cocorôco. In this sense, it enters into dialogue with *Our grateful dead: stories of those left behind*, by Vinciane Despret, in which the author proposes a critique of the psychoanalytic theory of mourning and speculates about the position of the dead as a subject: How would it be possible to hear what the dead have to say?
Keywords: Dramaturgy; Speculative Fiction; Death.

[1] Esse é o nome de um personagem que meu avô brincava comigo na minha infância. Me acompanhou e ainda me acompanha imaginariamente. O avô performava uma persona monstruosa, enquanto eu, ainda criança, oscilava entre o espanto e o maravilhamento. Tento aqui não entrar em aspectos biográficos dele e, portanto, concentro esse texto numa tentativa de comunicação. Destaco a leitura do livro *Um brinde aos mortos: histórias daqueles de ficam*, que reencantou uma certa visão já estratificada da morte. Ao desmontar a teoria psicanalítica do luto, e lançar ao morto a condição de sujeito, esse texto pretende uma dupla comunicação: com o livro de Vinciane Despret e com meu avô Cocorôco.

[2] Dramaturgo, diretor teatral, professor de artes cênicas da PUC-Rio, do Teatro O Tablado e doutorando no PPGCA (UFF). Funda, em 2005, a Aquela Cia de Teatro, núcleo de criação em artes cênicas. Suas obras foram apresentadas nos principais festivais do Brasil e festivais internacionais. Três de suas peças que formam a *Trilogia Carioca* (*Cara de Cavalo*, *Caranguejo Overdrive*, *Guanabara Canibal*) estão publicadas pela editora Cobogó. Mais recentemente, escreveu a dramaturgia de *Kintsugi, 100 memórias*, com o Lume Teatro e, em 2025, dirigiu o espetáculo *Devora-me* e escreveu *Veias Abertas 60 30 15 seg*, com Aquela Cia. E-mail: pedrokosovski@yahoo.com.br.

> *São enigmas, isto é, começos de histórias que colocam aqueles que o enigma convoca para trabalhar de um modo muito particular: o que fazemos com isso? A que tipo de provas somos chamados e que regime de vitalidade tornará possível ser capturados por elas?*[3]

> *Aqui não há desejo de interpretação, apenas experimentação dos sentidos que poderiam se tornar possíveis. Digo sentidos – não significações –, mas tropismos, isto é, afetos que nos atraem, forças que nos atravessam e nos dirigem. É uma experimentação, uma prova a ser submetido: o que faço com isso? Que sentido me exige? Que devir ofereço a isso? Não se trata de explicar, mas de compreender uma matriz narrativa. Uma máquina de fazer histórias pouco a pouco, uma matriz de histórias que se fabricam no começo das anteriores e que, assim, conectam-se umas com as outras, não seguindo um fio, mas de maneira a formar uma teia.* [4]

No início do texto fui convidado por uma abelha sem ferrão, daquelas pretas chamadas cachorrinho, a habitar uma lembrança. Um convite que não se responde simplesmente com sim ou não confirmando a presença, um convite que parece mais com uma obrigação. O que tentava escrever, o que decidia se escrevia ou não, antes da cachorrinho grudar na minha orelha, se desviou pelo limbo entre o pensamento e as teclas, pensei.

Ela ronda, atravessa as palavras, ela faz desvios, zumbe no meu ouvido, agita as letras de um outro texto que não aquele que desejaria escrever. A abelha me desafia. Ela se atrai pelo meu corpo como se ele, como se eu, como se a escrita expelisse um aroma adocicado, feromônios coisa assim, essência que comunica lembranças, algo que se exala antes de se tornar palavra.

Estapeio o ar para espantá-la, mas ela retorna e insiste em rasantes e como não tem ferrão se defende ameaçando entrar, sem ser convidada, pelos orifícios do meu corpo – boca, orelha, narina, ou qualquer buraco que sirva de passagem.

Paro a escrita, mesmo já fora do prazo de entrega, tive que parar.

---

[3] DESPRET, Vinciane. **Um brinde aos mortos**: histórias daqueles que ficam. São Paulo: n-1 edições, 2023, p. 22.

[4] *Idem*, p. 23.

O texto foi desviado das suas intenções originais e se tornou meio que esse texto aqui mesmo, meio que por invasão da lembrança que essa abelha incorpora, nunca foi aqui intuição sensível, graças à intervenção da abelha inoportuna, eu pensei, esta lembrança é aparição e mudar de corpo é um modo de não desaparecer.

Mudei de lugar, mas ela veio atrás. Aqui nesta sala há poucos lugares para se ficar, já que estou cercado de dezenas de caixas e muitos cadernos com histórias de vida. E ainda não me sinto autorizado a começar. Indomável eu pensei, a abelha gira em torno do meu corpo que já não escreve criando a minha volta espiral de zumbido e fabulação e não fui mais capaz de escapar:

Pensei com que velocidade suas asas batem e por onde mais ela havia passado, flores, frutas, copos melados de refrigerante, fezes de algum animal, pensei se havia cruzado países e como seria cruzar mundos, pensei que para ela qualquer objeto tão ordinário como embalagem de picolé poderia ser um mundo, pensei que ela havia cruzado papos de tucanos, caixinhas de amor, tampinhas de cerveja, cuias e folhas de banho, toda uma comunidade de textos por vir, ela poderia ter cruzado, pensei se haveria um corpo que ela tivesse pousado antes de imediatamente pousar no meu nariz e de que modo nós nos relacionávamos, pensei se ela havia pousado sobre um cadáver por exemplo, pensei na divisão entre mundos estranhos entre si e que espécie de comunicação vazante, que espécie de enigma distinguiria os que podem voar dos que não voam, os que podem falar dos que não falam, os que podem se espalhar dos que são imóveis, os que polinizam dos que inseminam e, finalmente, os que chamamos vivos dos que chamamos mortos.

Um enigma anterior às palavras, sem frases ou enunciados articulados, como se o real texto a ser escrito aqui, a partir de seu zumbido, o convite, a obrigação, esta comunicação quase impossível que acontecia entre palavra, sentidos, sons e letras, tivesse mesmo que se tornar uma gosma resinada e brilhante, um mel tóxico impróprio para consumo. Pensei então é esse o convite que me foi entregue, mas não consigo decifrá-lo. Trata-se de outra língua, a dela, a da abelha, e estou diante de um impasse. Não sei como seguir. Não entendo esta outra língua, e se ela me autoriza ou não a seguir.

É que já no começo tudo era inacabado e uma lembrança batia asas a minha frente, não aquilo que se passou numa história de vida, essas dezenas de caixas ao meu redor com cadernos, diários, vidas manuscritas empilhadas como ossos dentro de arquivos, mas um dilema: profano ou não profano seus restos mortais. A escrita segue aqui em rasantes entre a imaginação e a morte:

Lembrar meu avô, – e lembrar quer dizer que amei – o homem que diferente de homens me deu amor, homem que diferente de homens soube mostrar com beleza suas falhas, enganos, fraquezas. Meu avô se apresentou para mim como Cocorôco, personagem que ele performava para mim, seu neto, o netinho ainda criança, entidade deliciosamente monstruosa. Lembro o prazer que sentia pelo espanto. Era assim sempre com ele: o maravilhamento do espanto.

Lembro de alguns invernos, numa casinha de montanha, em que diariamente acordávamos juntos no nascer do sol, um frio rascante, os dois agasalhados dos pés à cabeça com muita lã, arquetipicamente, o velho e a criança, e dançávamos livremente músicas do mundo todo – das flautas dos pigmeus do Congo aos tambores da polinésia – numa espécie de ritual entre gerações, transmissão entre mundos, dançávamos para salvar o Sol, para que ele pudesse nascer por inteiro. Sobre a grande laje de pedra escura, o velho Cocorôco e a criança assistiam a luta da luz contra a sombras, do calor contra o frio, e conforme o suor se produzia em nossos corpos tirávamos peça por peça do vestuário de inverno, em strip-tease transgeracional, até ficarmos apenas de sunga nós dois: o velho Cocorôco de pele despencada e a criança amorosamente espantada. Ao fim, nossos corpos fumegantes pulavam nus no rio congelado. No final da adolescência, me perdi dele. Perdi o espanto. Pensei no ridículo. Dizia com ironia, você se acha o último anarquista da sociedade. Ele que não se encaixou em nenhuma instituição, ele que era visto como fracassado ou doido pela família, ele que mesmo aos bons olhos era visto como homem fraco, foi o melhor que minha família me entregou.

Antes de morrer suas palavras foram: “agora, Pedrinho, vou me tornar abelha. Dessas inofensivas, sem ferrão, que só servem para grudar nos cabelos”.

Que homem foi esse?

Que masculinidade era essa?

Entre o espanto e o cuidado, entre a vitalidade e a afirmação do delírio?

Dez anos depois da sua morte fui convidado (ou convocado) pela família a fazer a

sua exumação. Eu tinha por volta de trinta anos e minha avó, casada com Cocorôco, havia morrido e era preciso abrir espaço na cova para seu corpo. Nem minha mãe nem meu tio eram capazes de rever a ossada do próprio pai e então eu, alimentado por um misto de espanto (mais uma vez ele, o espanto!) e desejo me incumbi da função. Os coveiros se aproximaram com seus uniformes amarelos, abaixo de um sol de quarenta graus de Jacarepaguá, todo o calor, o suor, sinalizavam o excesso emocional daquela situação, e pelos meus poros transpiravam as imagens desse personagem, esse homem fraco, avô, agora reduzido a matéria fervilhante em decomposição. Eles cavaram e em menos de um minuto chegaram aos restos do caixão. Entre madeira, serragem, terra e poeira renasceu o corpo de meu avô, como em um parto invertido da terra, para o meu espanto, renascia finalmente a imagem mais realista do monstro da minha infância, Cocorôco, em sua versão apocalipse-zumbi. Eu desejava mais do que nunca olhá-lo, não sem espanto, não sem me despersonalizar, afinal, estava diante de uma história que me habitava, de uma imagem da infância que me rondava até esses dias. Era ele, Cocorôco! O monstro que me visitava quando criança: o que era apenas imaginação infantil se materializou agora em corpo em estado de putrefação. Assim é a vida, pensei, imagem e carne. Linha indelineável entre a imaginação e a morte.

Para quem imagina que estava apenas diante de um esqueleto clínico muito se engana. A carne havia se consumido, mas entre os ossos todo o invólucro fibroso das cartilagens, sobretudo na parte do tórax, pulmão, a pele ainda estava ali descolada nos braços e pernas, uma cabeleira escura brotava do crânio, cacos de dentes e seus olhos, seus olhos escuros, duas jaboticabas, estavam vivas, transtornadas, como quando encarnava o personagem da minha infância: a múmia do meu avô me olhava profundamente como se desejasse me transmitir um enigma, ou talvez fosse um segredo. Imaginei: sobre homens que fracassam. Mas não sei se era isso. Neste instante, pela primeira vez em aparição pós-morte, uma abelha cachorrinho atravessou a cena da exumação. Ele estava realmente ali tentando me dizer. Mas dizer o quê?

O coveiro-chefe me perguntou se eles poderiam iniciar o trabalho, e sem saber muito o que dizer, disse que sim. Eles começaram a quebrar o corpo do meu avô, quebrar cada um dos ossos, com suas pás e enxadas batiam firmemente nas suas articulações,

tornozelos, joelhos, bacia, ombros, cervical e os ossos se desarticulavam do esqueleto, quebravam-se do todo e se tornavam parte isolada, e por vezes a membrana cartilaginosa se prendia na lâmina da enxada, e os trabalhadores retiravam cumprindo a função. Os ossos destacados do corpo eram amontados em uma espécie de arquivo, caixa de sapato, abrindo espaço na cova para o cadáver de sua esposa, minha avó. Eu intervim e pedi ao coveiro-chefe que parasse.

Compreendi imediatamente que para ele, trabalhador funerário, desossar restos de corpos era apenas horas de trabalho, e ele o faziam muito bem, com rapidez e destreza empilhava ossos no arquivo. Com isso, na descrição da cena que anteriormente fiz não deveria haver nenhuma indicação de violência, e se o houvesse seriam efeitos de uma imaginação pequeno-burguesa que gostaria de afastar daqui. O que havia ali nesta cena era trabalho. E é a isso que deveria me ligar sem fantasmagorias. Aqui existe trabalho. Estou diante de uma cena de trabalho: quebrar os ossos de meu avô e guardá-los em uma caixa.

De impulso, interpelei o coveiro-chefe e pedi para ficar com um osso, alguma parte do meu avô qualquer que fosse. Ele me disse que isso era crime. Afirmei que precisava ficar com alguma parte do seu corpo perto de mim, e que seria um destino mais poético do que acabar como ossada dentro de uma caixa de sapatos. Ele interrompeu o trabalho e me olhou com desprezo, desprezo pelo que nomeava como poético. Não era essa a sua poesia, mas naquele momento, não fui capaz de conceber. Foi tudo mais forte do que consegui segurar. O meu impulso foi tirar uma nota de cem reais e pedir dois ossos de meu avô: um rádio de cada braço, por favor. Diante da cena de trabalho, meu impulso foi pagar. E ele aceitou.

Eu saí da exumação com dois ossos do avô nas mãos e pensei que um dia poderia criar uma performance a partir disso. Estava anestesiado. As imagens ferviam pelos meus poros no momento em que saí do cemitério de Jacarepaguá com aqueles ossos na mão: ossos do meu avô que se colocados em “x” lembravam uma bandeira-pirata. Guardei os ossos, agora higienizados, enrolados em uma gaze dentro de uma caixa de sapatos.

Passado algum tempo restou um mau sentimento. Meus ossos poéticos teriam um destino semelhante ao resto da ossada, uma caixa fechada já que a tão sonhada

performance nunca saiu. Percebi que havia feito tudo errado. Me vi diante de um crime de vilipêndio de cadáver, me vi diante de um crime de suborno, tudo em função de uma suposta epifania artística que hoje deve ser energicamente questionada. Foi durante a pandemia que pensei que os ossos estavam interferindo em minha vida espiritual com efeitos diretos na minha vida artística e familiar: eu havia me tornado uma pessoa assombrada, fechada e a reclusão necessária da pandemia me conduziu a um fechamento ainda maior sobre mim. Decidi me livrar dos ossos, tinha que respeitar este chamado, reparar os erros frutos de minha impulsividade.

Fui até a casa da montanha enterrá-los junto à laje de pedra onde eu e meu avô dançávamos. Organizei um ritual. Tal como psicomagia de Jodorowsky. Enterrei os ossos na manhã de inverno depois de dançar por horas em louvor ao nascimento do sol seguido de mergulho em rio congelado para consagração final.

Desde então a vida ficou mais leve. Até que me confrontei com mais um trabalho a ser feito. O apartamento onde vivia minha avó estava sendo desmontado e me deparei com mais de trinta caixotes de papelão com centenas de diários do meu avô, entre as décadas de 40 e 90 do século passado. Uma vida inteira manuscrita ali oferecida pra mim. Pensei: estou mais uma vez diante do corpo do meu avô. Esses cadernos são suas ossadas. Esses caixotes, seu caixão decomposto. Esses são diários, são escritos íntimos, então me pergunto: o que me autorizaria a profaná-los? Mais uma vez? Ao mesmo tempo o dilema: caso não leve essas trinta caixas de papelão pra minha casa, sei bem que acabarão no lixo e toda uma vida de escrita íntima, legada ao esquecimento.

Desta vez, meditei um pouco mais. Não cedi ao impulso. Decidi então levar as centenas de diários para minha casa. Desde então vivo aqui nesta sala toda ocupada de caixas e não sei o que fazer. Ainda não me senti autorizado a mexer nos cadernos do avô. À espera de um aviso. Uma comunicação direta com o morto.

Uma abelinha atravessou a cena. Eu queria muito que uma comunicação se travasse aqui. Uma comunicação com este morto. Eu queria que ele falassse mesmo que em outra língua desconhecida. Mas não vinha nada. Ali apenas a abelha mais uma vez. Sei que era um sinal. Mas não exatamente uma resposta. Eu precisava saber se me autorizaria ou não a iniciar a leitura, e em seguida uma escrita a partir de seus escritos íntimos, uma escrita

que não profanasse, mas que restaurasse este homem que tanto me deu, que tanto me amou.

O que você, Cocorôco, quer me dizer?

O que este morto pode me dizer?

Tão ágil quanto apareceu a abelha sumiu. Breve engano. Antes que terminasse a primeira frase, ela retornou, a abelha cachorro, meu avô tornado abelha. Na frente dos meus olhos surgiu outra, e mais outra, e mais outras, um enxame. Uma delas se grudou no meu cabelo, e outra entrou na minha narina, e surgiram mais outras tantas em rasantes, cercando meu corpo em espiral e zumbido. Enxame de lembranças, não uma, muitas, por todo lugar comunicava, em todo lugar zumbia o texto, e o avô espalhado, entre caixas, e diários, entre abelhas tantas, meu avô havia se tornado tantas.

Referências da disciplina

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução de Bhuvi Libânio. Recife: Cepe, 2020.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LE GUIN, Ursula K. The carrier bag theory of fiction. *In*: LE GUIN, Ursula K. **Dancing at the edge of the world**: thoughts on words, women, places. New York: Grove Press, 1989.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. Tradução de Luciana Chieregati e Vivian Chieregati Costa. Introdução de Juliana Fausto. Posfácio de Luciana Chieregati. São Paulo: n-1 edições, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RIBEIRO, Martha. Interromper o espetáculo: o gesto político e estético das emoções. **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], v. 13, n. 27, p. 49 – 72, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/41744. Acesso em: 07 mar. 2026.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

Referência específica deste texto

DESPRET, Vinciane. **Um brinde aos mortos**: histórias daqueles que ficam. Tradução Hortencia Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2023.

Submetido em: 07 mar. 2026
Aprovado em: 28 jul. 2026